

Os Lanifícios na Ribeira de Pera

A Roda Hidráulica

I. A manufatura da lã e os pisões

Solos pedregosos, predominantemente xistosos, as pequenas leiras férteis, duramente amanhadas entre botaréus e socalcos, eram de curto sustento para o desenvolvimento da agricultura familiar. Na base da economia agrossilvopastoril, as numerosas cabeças dos rebanhos lanígeros cobrem os pastos nas serras, fornecendo a matéria-prima para a manufatura dos lanifícios na tecelagem dos tradicionais *buréis*, *surrobecos* e *mantas*.

O primeiro registo documental que atesta a importância da *pastorícia* no sustento dos povoados que habitam as margens da Ribeira de Pera é uma sentença judicial de 1467, no apelo feito a **Afonso V** por cinco casais de pastores deste lado da serra, na contenda que os opunha aos juízes da Lousã sobre o uso das pastagens nos terrenos baldios para lá dos termos do concelho.

No cumprimento do *Regimento da Fábrica de Panos* de **1573**, promulgado por D. Sebastião, a Câmara de Pedrógão Grande procede, no ano seguinte, à nomeação dos juízes e vedores encarregues de examinar os bons ofícios dos *cardadores*, *tecedeiros*, *tecelões* e *pisoeiros* na manufatura das lãs e do linho.

Em **1839**, na resposta ao inquérito da Câmara dos Deputados dedicado ao exame da “*indústria agrícola, fabril e comercial*”, a **Câmara de Pedrógão Grande** não procedeu à nomeação de um “representante da classe fabril, por não haver no concelho”, mais precisando os moldes artesanais da **fabricação de panos de linho e de lã**.

«Neste concelho não há fábrica como tal verdadeiramente denominada e conhecida, há sim oitenta e dois teares de pano de linho, noventa e oito de lãs e vinte pisões para esta (...).
As matérias-primas d'esta há linho do importado no Reino, e lã vinda do Alentejo, Campo de Coimbra e outras terras. Em cada hum dos teares se ocupa huma molher, e nos pisões hum ou dois homens, esto há quando trabalhão, pois que nem sempre tem a fazer. Nos teares de linho se tecerão mil arrobas deste, nos de lã sete mil dozentos e cinquente restantes se vendem no mercado mensal do concelho e outros do Reino, os preços tanto do linho como da lã são mui variáveis.» Câmara Municipal de Pedrógão Grande, 1839

Dos centros laneiros da Covilhã e Portalegre ao impulso industrial da moderna fabricação de tecidos em Lisboa, Porto, Alenquer, Tomar ou Torres Novas, até à segunda metade de oitocentos não existem referências a fábricas na região. Destacam-se as pequenas **unidades produtivas artesanais**. Transpondo os vales de Góis até aos arrabaldes de Coimbra, pelas ribeiras do **Sinhel**, **Mega** e **Pera** se *pisavam* os grosseiros tecidos de lã, no movimento rudimentar do engenho *pré-industrial* por ação da **roda motriz**.

Na etnografia dedicada aos «*Pisões Portugueses*» (1960), Ernesto Veiga de Oliveira recorda o labor dos “*tecelões de Goes*”, já referido nas indagações relativas aos tecidos de lã de Fradesso da Silveira, que “*faziam saragoças, buréis, picotilhos, mantas e também estamenhas, urdidas com estopa e tramada com lã preta, comprando lã em Trás-os-Montes e no Alentejo, e vendendo os seus produtos nos mercados de Aveiro, das Beiras, do Alentejo e Algarve, e até Espanha (...)*”.

António Santos Pereira, na obra «*A Indústria Têxtil Portuguesa*» (2017) também faz referência aos lanifícios de **Góis** “*onde as cerca de trezentas arrobas de produção local de lã eram transformadas em cobertores, panos de saragoça e estamenhas e meias, através da utilização de pisões locais, particularmente na freguesia de Alvares*”.

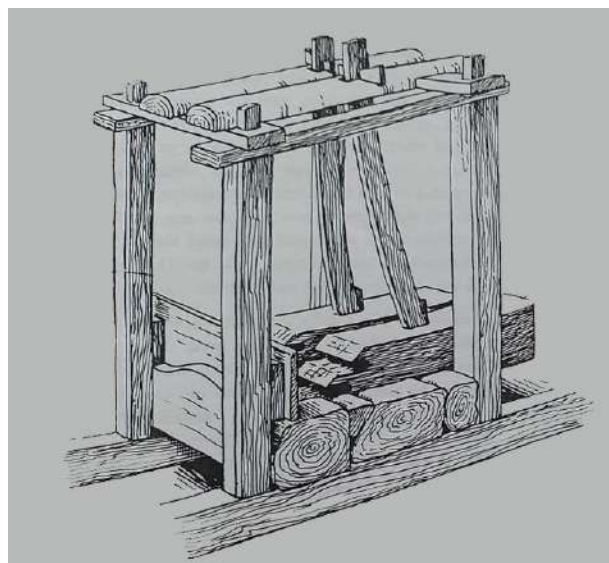


Figura 1. Pisão. Ilustração de Fernando Galhardo Ernesto Veiga de Oliveira, «*Pisões Portugueses*» (1960)

Os pisões

«O pisão artesanal (...) é um engenho tosco (...) geralmente todo em madeira rudemente trabalhada, cujo princípio mecânico é muito simples: ele consta de dois maços ou mascotos articulados numa armação que, pela ação de um dispositivo apropriado, batem o tecido que se encontra numa caixa aberta, situada à frente deles (onde se deita a água ou outros líquidos próprios para a lavagem ou o apisonamento), e (...) acionado por uma roda motriz.»

«Na fase artesanal da indústria de lanifícios, os tecidos caseiros, feitos com fios fiados na roca e tecido em teares manuais, apresentam, à saída do tear, uma contextura frouxa, rala e pouco firme (...), [que] se desfia com facilidade; o pano chama-se então “cherga” ou “enchergera”, e requer uma operação especial de acabamento: ele deve ser “enfortido” ou “pisoado”, isto é, batido fortemente em molhado e durante bastante tempo, de modo a apertar a trama e até a teia (...) que o transforma numa pasta feltrosa, homogénea, espessa e forte; tal é a função dos pisões, onde além disso, porém, como regra, os tecidos são lavados e desengordurados da sujidade e restos da “suarda” natural da lã, ou do azeite e demais produtos com que a preparam antes da fiação (...)» – Ernesto Veiga de Oliveira, «Pisões Portugueses» (1960).

II. A força motriz da industrialização



Figura 2. Roda de fiar
National Museum of American History

Atividades morosas que requeriam abundante mão-de-obra de *cardadores* e *fiandeiras*, é através da mecanização da cardagem e da fiação das lãs que se dá, pelo movimento gracioso da **roda hidráulica**, o arranque da industrialização dos lanifícios na Ribeira de Pera.

Força motriz das novas engrenagens industriais, “às correntes d’água artificialmente applicadas como potenciais actuantes e moventes pode-se dar-lhe o nome expressivo de *ulha branca*, em comparação com o carvão de pedra, quando aplicada para os mesmos efeitos” – assim era a espuma da água, caindo nos açudes e correndo na levada, descrito na edição de agosto de 1902 do jornal «O Figueirense».

São avultados os investimentos na construção dos edifícios, nalguns casos de difícil acesso no encaixe escarpado da ribeira, e na compra da maquinaria importada da França ou Bélgica, feita transportar, desde o ramal ferroviário da Lousã, por rudimentares caminhos na demorada e perigosa travessia da serra, que requeriam os cabedais e o esforço empreendedor de homens visionários.

Em **1856**, **José Antão** e **Manuel Henriques dos Santos**, naturais da Gestosa, iniciam a construção da primeira fábrica de lanifícios na **Abelheira**, que começará a laborar no início da década de 60. Por **Domingos Correia de Carvalho** e sócios é fundada a fábrica da **Retorta** em **1864**, seguindo-se outras.

Na edição de 13 de dezembro de 1864, o «Diário de Lisboa: Folha Official do Governo Portuguez», dá notícia do início de laboração:

«Na margem direita da Ribeira de Pera, junto ao lugar de Castanheira, no sitio da Retorta, foi construída uma fabrica de lanifícios que começou a trabalhar no dia 11 de julho ultimo (...).

A Ribeira de Pera, caudalosa no inverno, mesmo no verão leva, na maior parte do seu curso, agua sufficiente para dar movimento, e pena é que n’aquella freguezia não haja sufficientes recursos para a construção de muitas fabricas, pois que vemos perdida uma corrente de agua que se fosse aproveitada em todos os pontos, tornaria aquella terra florescente, e poderia assimilar-se em commercio e industria com a Covilhã e Gouveia.» – Diário de Lisboa, 1864



Figura 3. José Antão
Fundador da fábrica da Abelheira

Em 1902, o jornal «O Figueiroense» lança uma série de artigos dedicados à indústria de lanifícios de Castanheira de Pera, no périplo pelas fábricas das **Sarnadas, Bolo, Várzea, Safrujo, Pereiros, Esconhais, Retorta, Foz, Abelheira e Rapos**. Da autoria de M. L. Bruno é impressa em Figueiró dos Vinhos e posta a circular uma coleção de bilhetes-postais ilustrados com fotografias das principais fábricas.

Figura 4. **Fábrica da Retorta**. Na imagem observamos duas rodas hidráulicas: no topo do edifício fabril, a roda motriz de grande dimensão servia o movimento das cardas e das fiações mecânicas; no casebre contíguo, uma pequena roda fazia mover o engenho pré-industrial do antigo pisão.



Figura 5. **Fábrica do Safrujo**. Pormenor da roda hidráulica. Dimensões estimadas: 8 metros de diâmetro e 2,5 metros de largura.



Figura 6. Na **Abelheira** chegaram a laborar três fábricas de pequena dimensão movidas pelas águas das levadas do açude que também fazia mover as mós de um moinho.

III. A luz elétrica

Por meio da instalação de uma turbina elétrica no açude do **Pisão Novo**, propriedade de **Manuel Diniz Henriques**, a **luz elétrica** ilumina as ruas da vila em finais de **1912**.

Antes, no açude do **Moinho da Luz**, já havia sido construída a primeira central elétrica para fornecimento da fábrica do Rapos. Fundada em 1874 por António Alves Bebian, “sob a administração do sr. Dr. Baeta Neves foi beneficiada com um lavadouro, moinho de fazer farinha e depósito para as lãs dos freguezes, constando-nos que pretende melhora-la com iluminação a luz electrica” – reporta «O Figueiroense» em 1902.

A 10 de maio de 1914, dando notícia do *Cortejo Cívico* realizado nas ruas da vila, que proclamava a emancipação concelhia, saía a primeira edição do jornal «O Ribeira de Pera», financiado pela “Central Hydro-Electrica”.

Tabela de preços de luz eléctrica	
A contar de 1 de junho de 1914	
POR CONTADOR: (mensal)	
Até 2 kilowats inclusivé	325
Não menos de 2 até 4 kilowats	320
» » » 4 » 6	318
» » » 6 » 10	316
De 10 inclusivé por diante continua o preço antigo	

Figura 7. Tabela de Preços de 1914. Central Hidroelétrica do Pisão Novo.

Os Lanifícios na Ribeira de Pera

O terceiro centro industrial



Figura 8. Fábrica dos Esconhais (foto do início do séc. XX)

Pertença de **António Alves Bebiano**, a magnífica fábrica dos **Esconhais** começou a ser construída em 1866, concluindo-se a instalação da moderna tecelagem mecânica em 1879. À época do **Inquérito Industrial de 1881**, a terceira maior fábrica de lanifícios do país, com capitais fixos de 180.000\$00 réis, servia-se dos motores de “duas rodas hydraulicas, com a força de 40 cavalos, duas turbinas com força de 32 cavalos, e 4 vapores com a força de 150 cavalos, dois d’estes vapores com a força de 50 cavalos substituem aquelles motores na estação do verão e um vapor da força de 100 cavalos trabalha diariamente”.

Nela laboravam 140 homens, 124 mulheres e 52 crianças, no total de 316 operários. Por esta altura, nos cálculos de António Alves Bebiano, que nesse ano recebera de D. Luís I o título de *Visconde*, as fábricas da Ribeira de Pera empregariam cerca de 1000 operários. A dimensão do empreendimento industrial impressionava. Em 1875 a fábrica dos Esconhais é descrita no apontamento geográfico dedicado a ribeira de “Pêra”, no *Diccionario de «Portugal Antigo e Moderno»* de Augusto Pinho Leal, como sendo “uma das melhores do género” do país.



Fig. 9. Portugal Antigo e Moderno, Pinho Leal. 1875

Pêra – Ribeiro, Extremadura, comarca de Figueiró dos Vinhos, concelho de Pedrogam Grande. N’esta ribeira, em território da freguesia da Castanheira (...) está a magnífica fábrica de lanifícios do sr. António Alves Bebiano, uma das melhores do seu género em Portugal. Está situada esta fábrica na margem direita do rio denominado Ribeira de Pera; tem boas águas, magnífico local, muito pitoresco e excellentes campos de milho. A primeira casa é de um só andar e tem o comprimento de sessenta e tantos metros, e largura proporcionada. Ha aqui duas rodas hydraulicas, construídas no Porto, e de força de 35 a 40 cavalos aproximadamente, e applicada a muitas e differentes machinas de cardar e fiar, perchas, pisões cylindricos, lavadeiras, tesouras, escova, aveludeira, encarruladeira, torcedor, etc. tudo pelo systema mais moderno e aperfeiçoado, assim como um sortido de cardar, produzindo 100 mechas, e uma fiação fixa, cujo trabalho é muito apreciável.

Alem dos motores hydraulicos, tem uma bonita machina franceza, a vapor, da força de 25 cavallos, para suprir no verão a falta d’água.

Em setembro de 1874, montou-se uma rambulla mecânica, para enchugo dos pannos, no inverno, dirigindo o trabalho o mesmo engenheiro francez que montou a machina a vapor.

Fronteira à primeira casa das machinas descriptas, ha uma outra de igual comprimento, que serve de casa de habitação, armazéns de lãs, escriptorio, prensas e serrallaria, com um grande e espaçoso terreiro no centro, e próximo uma boa eira para enchugo das lãs.

Em uma outra casa, superior a estas, construída ha pouco, ha uma roda hydraulica, feita em Lisboa, da força de 15 a 20 cavallos, com a vantagem de que a agua que d’ella sae, vae tocar as outras que lhe seguem: esta roda serve de motor aos teares mecanicos, cuja regularidade e trabalho é muito perfeito.

Para supprir no verão a falta d’agua, fez o sr. Bebiano aquisição d’uma locomovel, da força de 12 cavallos.” – Augusto Pinho Leal, «Portugal Antigo e Moderno»

Na **Exposição Universal de Filadélfia de 1876**, os panos pretos dos Esconhais são premiados pela qualidade e preço, ao lado de outros prestigiados fabricantes portugueses de lanifícios:

- *Fábrica de Lanifícios de Padronelo*, Amarante – casimiras, sobretudos e xailes;
- *Campos Melos & Companhia*, Covilhã – casimiras;
- *Bernardo Daupiás & Companhia*, Lisboa – casimiras e xailes;
- *Fábrica Constant Burnay*, Lisboa – casimiras, flanelas e cobertores;
- *Fábrica do Campo Grande*, Lisboa – roupa preta e xailes;
- **António Alves Bebiano**, Pedrógão Grande – roupa preta;
- *Fábrica de Lanifícios de Portalegre* – casimiras;
- *José Maria Casqueiro*, Crato – lã lavada;
- *Eduardo Augusto Pereira*, Meixomil-Porto – lã.



Figura 10. António Alves Bebiano
Visconde de Castanheira de Pera

Por volta do **Inquérito Industrial de 1890**, trabalhavam nos Esconhais 435 operários (João Alves Bebiano & Cia.). Nas contas do Visconde, as fábricas da Ribeira de Pera empregariam cerca de 1300 trabalhadores, afirmando-se como principal centro industrial do distrito de Leiria e o terceiro nacional do setor dos lanifícios.

«Castanheira de Pera é a primeira terra industrial do Districto de Leiria, é a cabeça de freguezia do Concelho de Pedrogam Grande, e está situada na Margem Direita da Ribeira de Pera; esta Ribeira é o principal motor de quatorze fabricas que se acham aqui installadas, havendo ainda 7 machinas a vapor. Todas estas fabricas são de lanifícios, e n'ellas se fabricam as fazendas a que a industria Portuguesa tem attingido. Empregam-se nas referidas fabricas 1300 operários e tem um movimento de salarios semanaes de 2.000.000 de reis, e a sua exportação é de 500.000.000.»

António Alves Bebiano, 10 de julho de 1890
Presidente da Câmara Municipal de Pedrógão Grande

Porém, o progresso não corre linear no tempo, sem sobressaltos. A bancarrota portuguesa de 1892 e a crise económica e financeira da década de 90; as dificuldades na importação de matérias-primas; os custos com combustíveis para alimentar os vapores e os motores de *gás pobre*, sobretudo no estio da pouca água na ribeira; as fracas acessibilidades; os acidentes laborais e os incêndios nas fábricas... eram os principais entraves ao desenvolvimento e à competitividade da indústria. Isto, sem esquecer a importância da pequena agricultura familiar na compensação dos baixos salários, comparativamente aos rendimentos dos operários noutros centros de lanifícios de Lisboa, Porto ou Covilhã.

Na viragem do século, o colosso industrial do Visconde havia soçobrado, a Foz estava parada, a Abelheira de Baixo foi devastada por um incêndio e as sociedades do Bolo e da Retorta atravessavam dificuldades...



Fig. 12. Eduardo da Silva Correia

Pela tenacidade e força do trabalho das suas gentes, o pequeno vilarejo perdido nas serranias ascende à categoria de sede de concelho em **1914**. Das cercas de quatro mil almas nas contagens de 1864, a população das freguesias de Castanheira de Pera e Coentral ultrapassava os 6500 habitantes por altura da **emancipação municipal**.

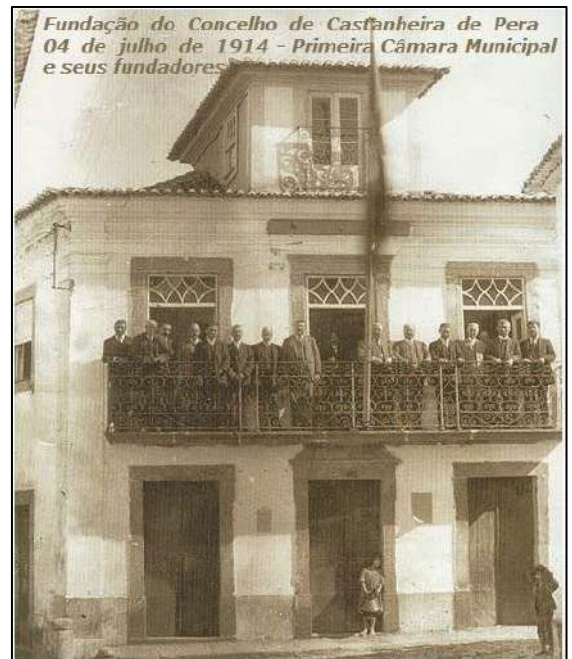


Figura 11. Tomada de posse do 1º executivo municipal.
04 de Julho de 1914.

«A Ribeira de Pera é um dos principais centros industriais de Portugal. Com as suas catorze fábricas de lanifícios de motor hidráulico e a vapor com mais três de artefactos de malha, e uma sapolina vegetal cujos produtos têm sido premiados em bastantes exposições universais e internacionais, além da de energia elétrica, importa e exporta anualmente centenas de milhares de quilos de matéria prima ou manufaturada.»

Eduardo da Silva Correia, 04 de Julho de 1914
1º Presidente da Câmara Municipal de Castanheira de Pera

Até meados do século passado, o movimento das cardações e das fiações mecânicas das fábricas coexistiram com as tramas e urdiduras das centenas de oficinas de **tecelagem manual**, que se dedicavam ao fabrico de buréis, saragoças, surrobecos, mantas e xailes. Tradicionalmente, os negociantes de tecidos mandavam cardar e fiar as lãs nas fábricas, enquanto a tecelagem se mantinha dispersa pelas muitas fabriquetas e unidades de produção familiar.

«*Aques larfamos laínte!*»

Da ancestralidade dos fabricantes e negociantes de tecidos nasceu, em data incerta, o **laínte da Casconha**. No fomento dos laços de solidariedade e de identificação socioprofissional, os **latiqueiros** (falantes de laínte) faziam uso da gíria deste socioleto ou **linguagem paralela**, transmitida secretamente entre iniciados, como forma de se protegerem no alerta codificado diante dos perigos nas longas viagens, carregando nas carroças as fazendas e outros artigos do seu sustento e escondidos no alforge os proventos dos negócios. Não percebido no regateio das feiras e mercados, tanto por compradores como por outros vendedores concorrentes, o domínio da linguagem codificada dava aos latiqueiros vantagens na concertação dos preços e na valoração dos seus produtos.

Laínte	Português
Alcatrefo	Alfaiate
Alçomo	Almoço
Almodovo	Algodão
Artife	Pão
Batora	Barato
Broca	Casa
Caloio	Caloteiro
Carmar	Comprar
Coideia	Bêbado
Dronha	Dinheiro
Garpar	Pagar
Ladrilho	Ladrão
Larfar	Falar
Loreta	Água
Maneza	Mulher
Monas	Batatas
Nampo	Pano
Obridoga	Obrigado
Paontra	Patrão
Pedêça	Peça
Pissalta	Rapariga
Razopa	Rapaz
Rodélos	Tostões
Verdunhar	Vender



Fig. 14. Tear Jacquard. Fabrica Ceppas,

Se a fábrica do Visconde dominava todas as operações dos lanifícios – desde a chegada das lãs ao lavadouro até ao tingimento e ultimação dos tecidos, tendo sido a primeira a introduzir a **tecelagem mecânica** – a **verticalização** do processo produtivo exigia maiores recursos energéticos. Primeiramente, através das caldeiras a *vapor*, da combustão de *gás pobre* e dos primeiros motores estacionários a *diesel*, em complemento à roda motriz, seguido do reaproveitamento dos açudes pela instalação de turbinas hidroelétricas, tipo *Francis 30HP*, produzidas nas fundições de Fradellos, no Porto.

Nos anos 30, o advento da eletricidade, através da regularidade do abastecimento de energia fornecida a partir da central da Ermida (Lousã), *Padilha, Rebelo & C.ª* (Lousã) – sucedida pela *Companhia Elétrica das Beiras* (CEB) – em complemento ao Pisão Novo e às pequenas centrais termoelétricas e hidroelétricas instaladas nas fábricas, conduzirá a uma maior concentração da capacidade produtiva, favorável a uma nova fase de expansão fabril na mecanização das tecelagens. Limitativas da livre concorrência, no que se refere ao estabelecimento de novas unidades industriais e da qualidade e quantidade dos seus produtos, as pautas do **condicionamento industrial** do Estado

Novo induzem a um esforço de modernização contraposto ao abate de teares manuais, mantendo-se o volume global de produção nacional tabelado para cada região.

Na organização corporativa do **Estado Novo**, Castanheira de Pera é sede de um dos cinco **Grémio dos Industriais de Lanifícios**, distribuídos pelas seguintes regiões: Covilhã (Castelo Branco), Gouveia (Guarda), Castanheira de Pera (Leiria), Lisboa e Norte. E, sede do **Sindicato Nacional do Pessoal da Indústria de Lanifícios** para os distritos de Leiria e Coimbra.



Fig. 15. Sindicato do Pessoal de Lanifícios

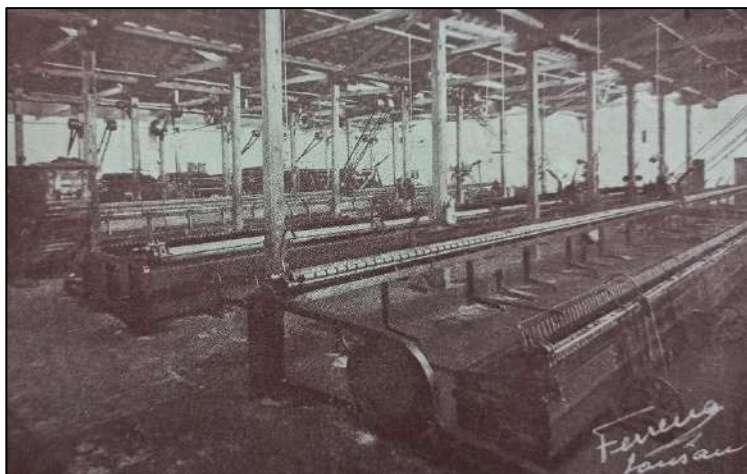


Figura 16. Fábrica da Retorta - cardas e fição. 1934.

No relatório de 1940 do *Grémio de Lanifícios* constam 81 firmas distribuídas pelos concelhos de Castanheira de Pera (42), Pedrógão Grande (2), Figueiró dos Vinhos (4), Ansião (6) e Porto de Mós (27).

No que se refere ao nosso concelho, existiam 8 “fábricas completas”, 3 “fábricas incompletas” (sem tecelagem), 15 oficinas de “tecelagem de artigos considerados regionais” (teares mecânicos), 4 oficinas de “tecelagem de artigos regionais” (teares de madeira), 1 tinturaria e 11 unidades de fabricação de “malhas”.

Em 1964, por ocasião das altura das *Comemorações Cinquentenárias do Concelho de Castanheira de Pera*, contavam-se 29 firmas na “lista das fábricas do concelho”:

Albano Antunes Morgado, Lda. (Sarzedas de São Pedro); Albano Simões Carril (Sarzedas de São Pedro); Alfredo Correia (Troviscal); Alfredo dos Santos (Souto do Vale); António Lopes Ladeira (Coentral Grande); Augusto Carvalho (Coentral Grande); Barros, Antunes & C.a (Safrujo); Correia, Tomaz & Morgado, Lda. (Pisão do Vermelho); Diamantino Carvalho (Pera); Domingos Correia de Carvalho, Sucrs., Lda. (Esconhais); Fábrica Ceppas, Lda. (Esconhais); Fernandes, Antunes & C.ª, Lda. (Retorta); Joaquim Ferreira (Pera); José Alves Bebiano, Sucrs., Lda. (Castanheira de Pera); José Antunes (Sarnadas); José Duarte Prior (Sarzedas de São Pedro); José Nunes (Souto do Vale); José Tomaz Henriques, Sucrs., Lda. (Várzea); Manuel Alves Barata (Coentral Grande); Manuel Alves Barata Júnior (Coentral Grande); Manuel Fernandes de Carvalho, Sucrs. Lda, (Abelheira); Manuel Francisco (Bolo); Marcolino Alves Tomaz (Troviscal); Pompeu Rodrigues Costa (Castanheira de Pera); Sociedade Fabril de Tecidos, Lda. (Souto Escuro); Sociedade de Lanifícios da Foz, Lda. (Foz); Sociedade Industrial do Bolo, Lda. (Bolo); Tomaz, Costa & Irmão, Lda. (Pereiros); V.ª de João Rodrigues Júnior (Troviscal).

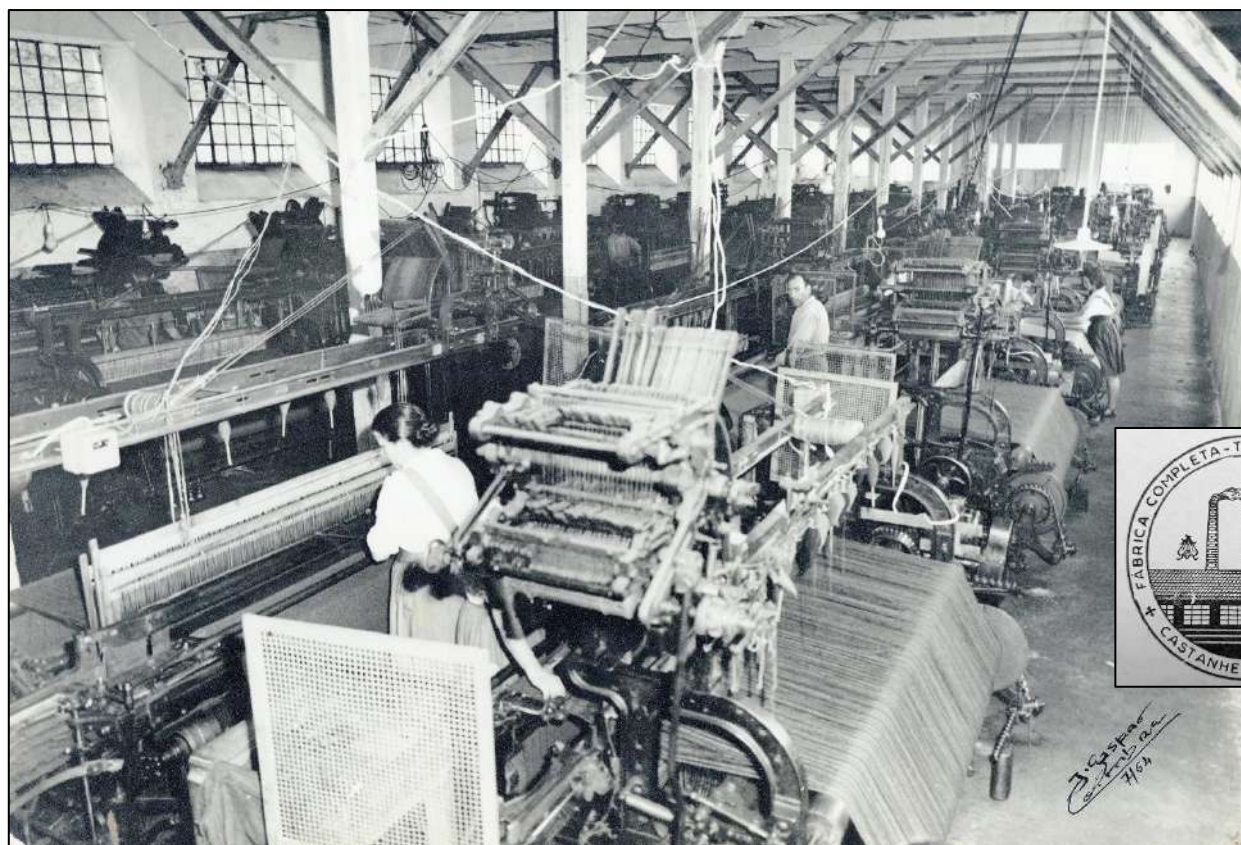


Figura 17. Fábrica da Abelheira, tecelagem. 1964.

Os Lanifícios na Ribeira de Pera

O declínio



Figura 18. Fábrica Ceppas - tecelagem. Esconhais de Cima. 1964.

Se o condicionamento industrial e protecionismo do Estado Novo conduziram à estagnação do tecido produtivo e ao distanciamento do atraso económico português em relação às mais desenvolvidas economias europeias do pós-guerra, a adesão de Portugal à *EFTA - Associação Europeia de Comércio Livre*, em 1961, abria novas oportunidades à exportação e diversificação dos têxteis nacionais.

Na década de 60 registaram-se avultados investimentos no esforço da modernização e reconversão da indústria de lanifícios, através da instalação de *fiações de penteados* nas fábricas da **Retorta** e da **Várzea** e na posterior inauguração da **Fiandeira Castanheirense** (1973); enquanto nas restantes fábricas se observa a relativa estagnação dos processos produtivos conducente, na ultrapassagem do tempo, à obsolescência da maquinaria e equipamentos.

Após a morte de Salazar, a abolição do sancionamento do Ministro das Corporações na nomeação dos dirigentes veio abrir novas perspetivas à livre organização e manifestação dos **sindicatos**. É neste contexto que se destacará a ação política e sindical de **Kalidás Barreto**, na reivindicação da melhoria dos salários e das condições laborais do pessoal dos lanifícios.

Ainda em 1973, o encerramento da **Fábrica Ceppas** e a falência da **Abelheira**, mais o agudizar da situação financeira da Várzea, são o prenúncio do dramático declínio do setor nas décadas seguintes.

Sobreviveu, prosperou, expandiu e internacionalizou-se a fábrica Albano Antunes Morgado, Lda. – atual **Albano Morgado S.A.**

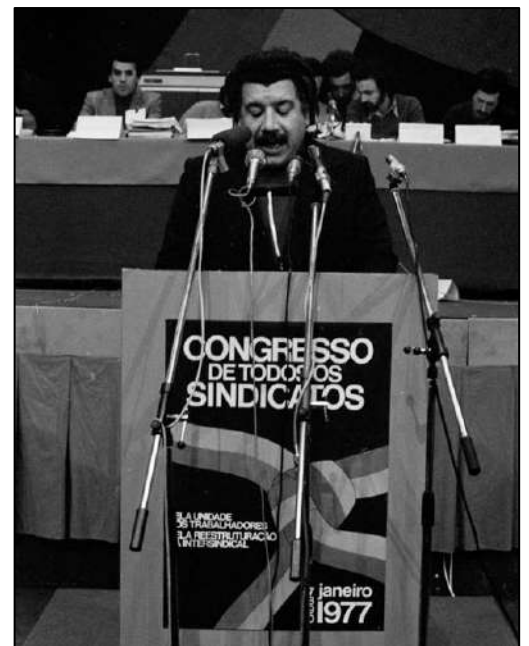


Fig. 19. Kalidás Barreto. Congresso da CGTP, 1977.

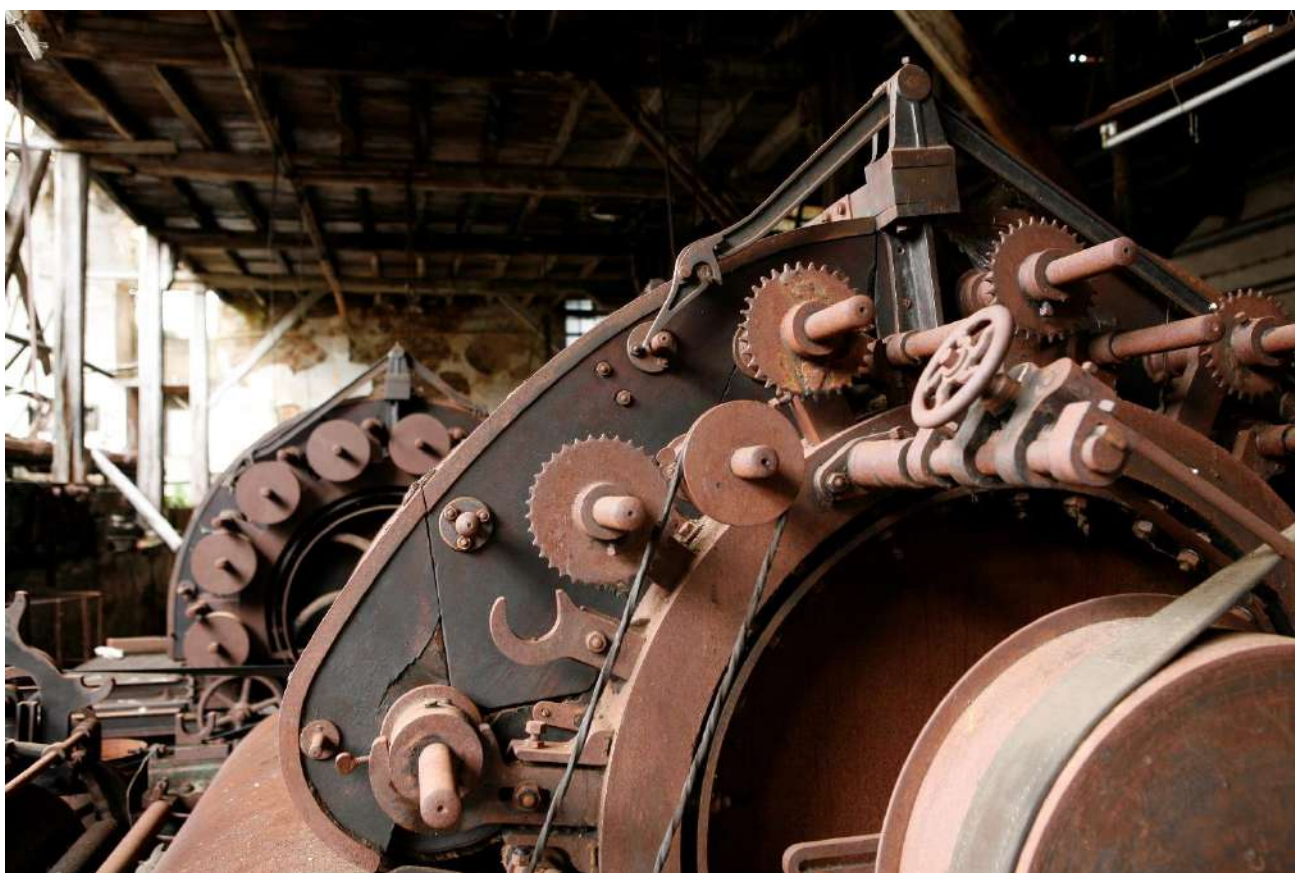


Fig. 20 e 21. Fábrica da Várzea, 2013. Fotografias José Luís Jorge

Os Lanifícios na Ribeira de Pera

O Barrete

O fabrico do barrete tradicional de lã – *verde, vermelho* ou *preto* –, relevante na caracterização das identidades locais e regionais de várias comunidades, remete-nos para a história dos lanifícios de Castanheira de Pera.

É provável que o fabrico de barretes tenha tido influências ancestrais de outras espécies de carapuços, gorros e agasalhos afins ao “barrete”. No entanto, o barrete como o conhecemos hoje, no formato, nas cores tradicionais e na composição da bolsa – tal como retratado no trajar típico dos *pescadores* da Nazaré e do *campino* do Ribatejo ou no bailar do *folclore* – é o produto do desenvolvimento da tecelagem de malhas do séc. XIX, introduzido no nosso país por **Auguste Lafaurie** em **Alenquer** e, posteriormente, aperfeiçoado nos inventos de **Manuel Francisco dos Santos**, entre os fabricantes de lanifícios da **Ribeira de Pera**.

Em **1914**, por altura da fundação do Concelho, existiam pelo menos 8 fabricantes de barretes, que se terão reunido para concertarem as condições de produção e preços de venda: Manuel Francisco Antunes e Manuel Dias Rolo (Souto Escuro), Francisco Rodrigues e Mateus Nunes (Moita); João Henriques Fernandes (Sarzedas de São Pedro), João de Barros e João Francisco Antunes (Vacalouras) e Manuel Francisco dos Santos (Troviscal).

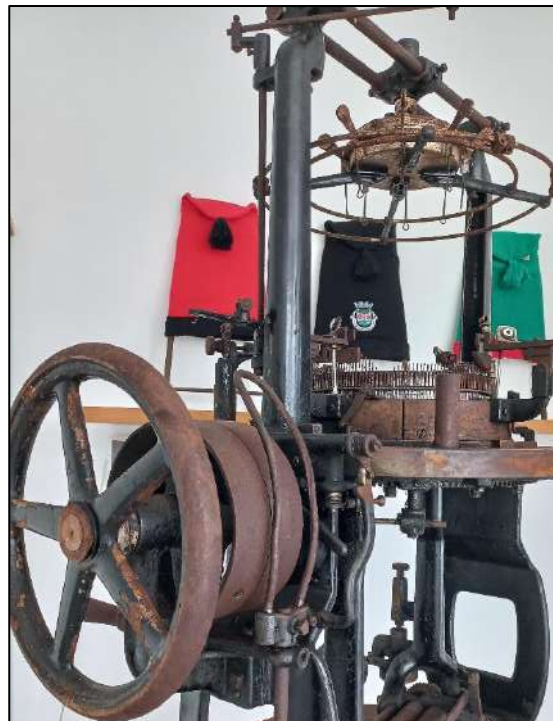


Figura 22. Tear circular para fabrico da bolsa do barrete

Na edição de 1 de janeiro de **1938**, o jornal *O Castanheirense* publica um artigo dedicado à história da indústria de lanifícios no qual se registam 5 firmas com referência direta ao fabrico de barretes, entre as 42 fábricas listadas: Manuel Francisco dos Santos (Troviscal), Eduardo Domingues (Troviscal), João Henriques Fernandes (Sarzedas de S. Pedro) e as fábricas Barros & Antunes (Safrujo) e José Tomaz Henriques (Várzea). Também a Fábrica Ceppas, nos Esconhais de Cima, e Manuel Lopes Henriques, na fábrica do Souto Escuro, se dedicaram à produção de barretes, patente nos cartazes publicitários da época.

Entrado em desuso no vestuário quotidiano, por altura do cinquentenário do Concelho, em **1964**, já só existiam duas fábricas: **José Antunes**, nas **Sarnadas**, e Eduardo Domingues, no Troviscal. Atualmente, preservam-se os processos tradicionais de fabrico no único fabricante – **José Augusto Tavares (JOTAV)**.

Vende-se

A Fábrica de Cardação e Fiação do Souto Escuro, com todos os logradouros, pelo motivo de os seus proprietários não a poderem administrar, constante dos seguintes maquinismos:

- 2 sortidos de cardas, todos em ferro, com 1,20 m.
- 2 Fiações
- 1 Escolhedeira
- 1 (Lobo) Abridor
- 1 Máquina de Bater Pua
- 1 Torno de Limpeza
- 1 Pizão
- 1 Percha
- 1 Lavadeira
- 4 Ditas para Barretes
- 1 Máquina de Carapinha para Barretes
- 1 Máquina para a face para Barretes
- 1 Máquina Bobinoir
- 3 Caldeiras para Tinturaria
- 2 Ramolas
- 1 Motor a gaz pobre de 20 HP.
- 1 Turbina Hidraulica e respectivas linhas
- 1 Dinamo com instalação electrica
- Lavadouros para lãs, e todos os utensilios, taes como, Balanças, Cofre, Relogio e objectos do serralheria, etc., etc.

Mostra-se a referida fabrica, todos os dias uteis a quem pretender compra-la. 3-3

Fig. 23. Fábrica do Souto Escuro. Venda de maquinaria de produção de barretes. Jornal «A Regeneração», 02Mar1929



Figura 24. Fábrica das Sarnadas. Costura do forro e da borla do barrete. 1964.

Os Lanifícios na Ribeira de Pera

Visita à fábrica Albano Morgado S.A.



Figura 25. Albano Morgado S.A., 2024

Comemorando-se o 110º aniversário da fundação do Concelho de Castanheira de Pera, a história da emancipação municipal é indissociável do progresso dos lanifícios, que tornaram o pequeno vilarejo da até então *Castanheira de Pedrógão* no terceiro centro nacional deste setor industrial.

O início da *industrialização* na Ribeira de Pera remonta à década de 60 do século XIX. Por volta do Inquérito Industrial de 1881 já existiam 12 fábricas, somando-se dezenas de oficinas de tecelagem. Dos 3972 habitantes em 1864, o crescimento da população

atingiria pico demográfico de 6523 habitantes nas contagens de 1911, por altura da emancipação municipal (1914). Para o progresso dos lanifícios em Castanheira de Pera, tal como sucedeu noutros territórios de montanha, contribuíram as tradições ancestrais na manufatura da transformação da lã e o aproveitamento da força motriz da roda hidráulica. Se no condicionamento industrial do Estado Novo foi mantida a capacidade produtiva, o último quartel do século passado seria marcado pelo dramático processo de *desindustrialização*. Dos 5137 habitantes em 1981, a população caiu vertiginosamente para cerca metade em 2021 (2647 habitantes).

Fundada em **1927**, da pequena oficina de tecelagem fundada por Albano Antunes Morgado, à avançada sociedade anónima especializada na fabricação verticalizada de tecidos de lã cardada, a **Albano Morgado S.A.** cresceu em contraciclo à decadência do setor. Com uma produção anual acima de **600 mil metros de tecido**, a empresa emprega cerca de **85 colaboradores** e exporta cerca de 70% da produção para os mais competitivos e exigentes **mercados globais**, que têm como principais destinos a Alemanha, Inglaterra, França, Noruega e Suécia, e marcando presença em países tão diversos como os Estados Unidos, a China, o Japão e a Coreia do Sul.

O *core business* continua a ser a especialização na produção de **cardados 100% lã**, de gramagem variada, mantendo o domínio de nichos de mercado tradicionais, como o fabrico de tecidos para capa de estudantes e capotes alentejanos. Produz ainda tecidos de lã cardada enriquecidos com fibras especiais de origem animal, como a *caxemira*, o *pelo de camelo* e a *alpaca*. E uma ampla coleção de artigos finos **penteados 100% lã** e mesclados com outras fibras naturais, como o **algodão** e o **linho**, e sintéticas (poliéster). Numa visita guiada pelo CEO **Albano José Morgado Rodrigues** à fábrica de lanifícios, ficámos a conhecer o ciclo da transformação da lã, num percurso pelas operações de *cardação*, *fiação*, *tecelagem*, *tinturaria* e *ultimação*:



Fig. 26. CEO Albano José Morgado Rodrigues

A Transformação da Lã

Visita à fábrica Albano Morgado S.A.



1. A **cardação** tem por fim “dispor as fibras das matérias têxteis o mais regularmente possível, misturando-as intimamente, dando-lhe um princípio de estiragem e limpando-as (...) enfim, colocando-as de forma a formarem uma manta ou fita homogénea. Na cardação não se pretende o paralelismo das fibras, mas sim ligá-las e torna-as aptas para fiar”. (Campos Melo, “Lãs e Lanifícios”, 1907)



2. A **fiação** tem por objetivo “transformar a mecha produzida pela carda contínua ou aparato em fio”.



3. A **Tecelagem** é a operação pela qual, “com o cruzamento e entrelaçamento dos fios, e segundo uma ordem previamente determinada, se obtém os tecidos (...). Para se tecer é necessário haver duas series de fios, uns paralelos entre si e que vão de um extremo ao outro da peça, chamados barbim ou teia, e outros (...) perpendiculares aos primeiros, e que têm o nome de trama”.

4. Na seção de **tinturaria** procede-se ao tingimento de ramas, fios e tecidos, de acordo com o tipo de aplicação pretendida.



5. A **Ultimação**. Sob a denominação de ultimar designam-se “todas as operações preparatórias e finais por que se fazem passar os panos, a fim de serem acabados segundo o género de tecidos que se pretende obter (...). Divide-se a ultimação ou acabamento em várias operações: 1. Passar; 2. Espinçar ou esbicar; 3. Lavar; 4. Batanar ou pisoar; 5. Secar ou ramolar; 6. Perchar; 7. Enxugar; 8. Rapar, tosquiar ou tesourar; 9. Lustrar ou vaporizar; 10. Escovar; 11. Prensar e calandrar” e 12. Revistar/enrolar.